

Codificar e Apresentar (parte 5)

19

“No passado, vocês desperdiçaram muito tempo praticando o que gostam de fazer aqueles que não creem: imoralidade e desejos carnavais, farras, bebedeiras e festanças desregradas, além da detestável adoração de ídolos.” 1 Pedro 4.3

Aproveitando as oportunidades

As últimas lições têm nos mostrado como assuntos comuns, presentes em conversas desprezíveis, são oportunidades de proclamar o Evangelho. As dores do coração humano refletem a necessidade pela presença de Deus (Rm. 3.23). Apresentarmos as respostas que as Boas-Novas nos dão para estas dores faz parte do cumprimento do nosso chamado de evangelista (Mc. 16.15).

O Pecado

O significado de pecado para o dicionário é a quebra de uma regra ou a violação de um preceito religioso. Este conceito tem se perdido na sociedade pós-cristã, que tem a busca por realização e felicidade acima de qualquer outro valor. A despeito disso, a Palavra de Deus continua apontando o pecado como o maior drama humano (Rm. 3.12). Mas porque seria?

Muito mais que desrespeitar uma lista de regras, o pecado é uma forma de existir distante de Deus, rebelando-se contra sua vontade, rejeitando a glória de sua presença (Rm. 6.23). Como consequência deste afastamento, o homem se afunda em um estado de depravação, corrupção, vazio e desespero. Ao moço rico, que exibiu suas credenciais de bom judeu para Cristo, o Senhor lhe cobrou o que era impossível para ele, e explicou aos seus discípulos: o homem que se julga irrepreensível diante da lei, ainda assim, está distante de Deus. Pois, ao homem, é impossível agradar ao Eterno através de sua autojustiça (Mt. 19.26).

Ainda, podemos conceituar o pecado como nossa natureza interior que pende para o mal (carne), o sistema de valores que afronta e ignora a Deus (mundo) e a atividade espiritual e demoníaca que age sobre os pecadores e o mundo (inimigo).

Mas o Evangelho é a boa notícia de que não há mais condenação para aqueles que estão em Cristo (Rm. 8.1), porque aquele que não conheceu pecado, tornou-se pecado em nosso lugar, para sermos feitos justos diante de Deus (2 Co. 5.21).

Ídolos

Em sua origem, a palavra ídolo significa simulacro, imitação de algo real. Logo, é algo que surge com a intenção de substituir o verdadeiro Deus. Podemos pensar em um estereótipo de idolatria: imagens, estátuas, ritos pagãos (Rm. 1.23-23, At.14.11-12).

Mas Calvino já afirmava que o coração do homem é uma fábrica de ídolos. O homem rejeitou a Deus, mas não curou seu vazio. Ainda precisa de algo que dê sentido à existência, que seja o fim último de sua busca, de suas motivações e suas intenções.

Halbertal diz que “qualquer valor não absoluto que é transformado em absoluto, e reivindica estar no centro de uma vida dedicada é idolatria”. Segundo Tim Keller, a idolatria nos mostra que o pecado não é somente fazer coisas ruins, mas é tornar coisas boas em realidades últimas. Construir sua vida e sentido sobre qualquer coisa, mesmo que seja uma boa coisa, ao invés de construí-la sobre Deus. Um ídolo nunca dá a paz, a realização, o amor e a segurança que dele esperamos.

A boa notícia do Evangelho é que podemos abandonar os falsos deuses e experimentar a comunhão verdadeira com o Deus verdadeiro que se revela em Jesus Cristo, aquele que, não cobrou sacrifícios, mas se sacrificou por nós (Hb. 10.10).

Vícios

Podemos dizer que os vícios são uma forma de idolatria. Um comportamento obstinado, descontrolado, que tem crescido na atualidade (novos vícios têm surgido). O homem pode viciar-se em substâncias (álcool, drogas, remédios, nicotina, cafeína, comida) ou em comportamentos (sexo, trabalho, jogo, compras, jogos, comer, limpar, roubar), destruindo-se e destruindo seu próximo.

A Bíblia fala sobre como o coração humano, perdido em sua ânsia destrutiva, controlado pelo pecado, torna-se presa fácil para os vícios (Ef. 2.1-3, 1 Pe. 4.3). O vazio do ser sem Deus clama por uma dose mais forte de sua distração, sua mentira favorita. Mas é estéril. Nada pode suprir a presença de Deus.

O Evangelho é a boa notícia de que, por meio da fé em Jesus Cristo, há um poder operando em nós, quebrando o poder do vício e nos ajudando a colocar nossos desejos escravizadores aos pés da cruz em uma vida diária de renúncia e mortificação, nos libertando de nossas antigas prisões (Gl. 5.24).

Desafio

Uma das resistências criadas à pregação do Evangelho é por conta de uma visão incorreta sobre pecado. Como você pode apresentar o pecado como uma ofensa pessoal contra Deus? •